

## DA MULHER À MARIA



(14/08/11, 20º Domingo do Tempo Comum, Ano A)

## DA MULHER À MARIA

14/08/11, 20º Domingo do Tempo Comum, Ano A

Leituras: Is 56, 1, 6-7; Sal 66; Rm 11, 13-15, 29-32.

Leitura do Santo Evangelho segundo São Matheus (Mt 15, 21-28):

*Naquele tempo Jesus, partindo dali, retirou-se para a região de Tiro e Sidônia. E eis que uma mulher cananéia, daquela região, veio gritando: “Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim: a minha filha está horrivelmente endemoniada”. Ele, porém, nada lhe respondeu. Então os seus discípulos se chegaram a ele e pediram-lhe: “Despede-a, porque vem gritando atrás de nós”. Jesus respondeu: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”.*

*Mas ela, aproximando-se, prostrou-se diante dele e pôs-se a rogar: “Senhor, socorre-me!” Ele tornou a responder: “Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-los aos cachorrinhos”. Ela insistiu: “Isso é verdade, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos!” Diante disso, Jesus lhe disse: “Mulher, grande é tua fé! Seja feito como queres!” E a partir daquele momento sua filha ficou curada.*

Desejamos-lhes que tenham um ótimo domingo e uma excelente festa de Maria Santíssima, e que Ela os acompanhe, interceda por vocês e os proteja ao longo de suas vidas. Também desfrutamos e nos alegamos como filhos de Maria ao vê-la exaltada aos Céus, assunta aos Céus, ressuscitada e glorificada – como somente Deus pode fazê-lo – ao mesmo tempo em que tratamos de imitá-la, de segui-la ou de adotar também suas características. Por isso hoje, nas vésperas da Assunção de Maria – amanhã, 15 de agosto, celebramos o dogma da Assunção proclamado por Pio XII, portanto, é uma festa dogmática e central da Fé católica – também nós, aderimos a esta festa para exaltar a Maria e também para que nos contagie com algo.

Fundamentalmente, com o Evangelho que acabamos de ler, ficamos surpreendidos, por mais que o conheçamos desde pequenos, porque por um lado está a insistência dessa mulher, por outro lado a resposta tão chocante de Cristo que a trata – não digo eu, disse o Evangelho – como a um cachorrinho: “isto é comida para os filhos, não para os cachorros<sup>1</sup>”. Santo Céu! Não? É muito duro. Primeiro, Jesus nem lhe responde, disse o evangelista: “Jesus não lhe respondeu nem uma palavra<sup>2</sup>”. Segundo, quando ela insistiu, Jesus lhe disse: “a comida é para os filhos e não para os cachorros”. Porém, nem assim a mulher se afastou, porque se deu conta de que eram as provas, nada mais, desse Coração misericordioso, generoso e magnânimo de Cristo que queria dar a ela não somente a cura de sua filha – a qual imediatamente lhe concedeu – senão que fazê-la tão conhecida e famosa que até o dia de hoje a cananéia que insistiu a Jesus é motivo de reflexões, de comentários e de exaltação por parte de toda a Igreja.

---

<sup>1</sup> Mt 15, 26.

<sup>2</sup> Mt 15,23.

E longe de exaltar a loucura, a teimosia ou a obstinação da mulher – assim foi Eva, que por teimosa ficou sem Deus, sem o Paraíso e sem nada<sup>3</sup> – ao contrário, estamos exaltando a perseverança confiante na misericórdia de Deus. Parecem atitudes similares, porém não tem nada a ver; uma atitude nos conduz ao inferno, a outra nos conduz ao céu, nem mais nem menos. Se não encontramos a diferença – é o mesmo que não saber a diferença entre o branco e o preto – pois bem, uma te conduz à morte, a outra te conduz à vida. Por um lado, a loucura, a teimosia, a obstinação conduzem para a morte; assim vai a mulher que às vezes **por** se manter em seus “princípios” ou “convicções” abandona suas responsabilidades, seus filhos, seus vínculos, até a Deus... e assim se vai. E por outro lado, como essa mulher, a perseverança fiel, como a de Maria Santíssima, a conduz ao Reino e, repito, não somente consegue tudo o que queria, mas ainda muitíssimo mais.

E isto nos convida a repassar as características fundamentais que tem a psicologia feminina.

I) Em primeiro lugar, a psicologia feminina ou o destino da mulher no mundo, ou sua característica, lhe faz **uma criatura de Deus em relação**. Ou seja, claro que a mulher é única, individual e indivisível e depois que Deus cria a cada um de nós, joga fora o molde. Não há dois DNA's iguais, não á duas digitais iguais; sem dúvida que cada um de nós, criaturas de Deus, somos únicos e irrepitíveis. Porém a característica psicológica da mulher a faz tão particular porque ela olha, se desenvolve e cresce em função, também, das relações que estabelece, que produz, que gera e conserva. Primeiro, logicamente, como filha de seu pai e de sua mãe; há uma relação parental – diriam os psicólogos – que caracteriza a psicologia feminina, porque vai lhe transmitindo características próprias de suas figuras parentais. E não somente isso deveria gerar orgulho e dignidade, mas também, na medida em que se desviam essas características, começam todos os complexos, traumas e dificuldades que a psicologia se encarrega de estudar como os complexos de Édipo, de Electra, de Orestes; toda essa conflitiva que há entre o rechaço ou a dependência das figuras parentais.

Porém logo que a mulher vai se desenvolvendo em função do que herda psicologicamente de suas figuras parentais, também começa a relação ou o vínculo com seus irmãos, com seus amigos, com suas amigas, o bom e o mau, o positivo e o negativo, o que a enriquece e o que a obscurece. Depois, logicamente, começa uma relação fundamental da mulher no sentido do noivo, no sentido do esposo, no sentido dessa vocação que temos, de que *“já não serão dois, mas uma só carne<sup>4</sup>”*. E *“deixará o homem e a mulher a seu pai, a sua mãe, a sua família, ‘a tudo o que viera antes’, se unirá a sua mulher e serão os dois uma só carne<sup>5</sup>”*, e *“que não separe o homem o que Deus uniu<sup>6</sup>”*. Portanto: diga-me o que elege, diga-me com quem te casar e te direi quem és. Porque depois: “Ah, mas meu marido isto; meu noivo aquilo outro, etc”; parece que quando estamos falando do marido escuto como que: “que horrível, que espantoso, que terrível”. Porém, diz-me com quem te casaste que te direi quem és, porque te casaste com ele para o bem ou para o mal. Então, essa relação sponsalícia, vincular, relacional, também define a mulher. E depois de tudo isto que brevemente

---

<sup>3</sup> Gn 3, 24.

<sup>4</sup> Mc 10,8

<sup>5</sup> Cf Gn 2, 24

<sup>6</sup> Mc 10,9

lhes comentei, vêm os filhos, e assim a mulher é em relação e em função dos filhos. Portanto, há toda uma série de características da mulher que a faz criatura relacional, em relação. Daí que o relato do Gênesis<sup>7</sup> da criação da mulher, com a simbólica costela de Adão, seja em relação a Deus e ao homem.

Os dois extremos são os grandes defeitos: ou a dependência servil da mulher do pai, da mãe ou do marido, acabando como um segundo plano, absolutamente anulada, ou ainda depois dos filhos, pois às vezes os filhos são uns tiranos que escravizam a suas mães. Então, a mulher se transforma como em uma espécie de escrava, dependente, parasita dessas relações, sendo um dos grandes defeitos, acabar obscurecida detrás dessas relações. E o outro extremo, logicamente, é a independência, a solidão, desvincular-se de suas relações, a presumida liberdade da mulher que lhe faz cortar com seus vínculos. A mulher quando vai para qualquer um desses dois extremos se perde, se obscurece. Claro que no princípio qualquer um desses dois extremos te seduz um pouco, não é assim? Porém, logo esses dois extremos que são os vícios do caráter relacional da mulher, desvirtuam-na. Por se tornar dependente, se arruína e se anula; ou por solitária, autônoma, independente e desvinculada, também se amargura. E se transformam ambas em infecundas, inférteis, como uma espécie de anexo, acessório estéril e infrutífero da humanidade. Porém, esses são os dois extremos.

Então, a mulher vai se realizando em função das relações que estabelece, nem dependente, nem solitária. E esse caráter fundamental que Deus lhe deu encontramos em Maria quem, mesmo que ainda brilhe e reluza por si mesma – e poderíamos ainda assim exaltar sua humildade e fé, com certeza que sim – mas, desde o princípio encontramos Maria caracterizada como a filha elegida por Deus Pai; essa é a mulher que Deus elegeu. Portanto, Maria resplandece não tanto pelo seu caráter pessoal, mas, porque foi a elegida do Pai; é a mulher que Deus Pai elegeu para que fosse sua filha. Ela é mulher que o Espírito Santo fecundou para, dela, engendrar o Corpo de Cristo; portanto, Maria é a esposa do Espírito Santo; essa é a relação que tem Maria, é a Esposa do Espírito Santo. É a esposa de São José, esposa legítima de São José, com quem estava desposada desde antes da Anunciação. E, sem falar que é a Mãe de Deus, a Theotokos, o grande dogma cristão do século V no Concílio de Éfeso (ano 431); ela é a Mãe de Jesus, é a Mãe de nossa Salvação. E daí por diante, Ela é a Mãe de todos nós, Mãe da Igreja.

Portanto, sinalamos o aspecto relacional da mulher que, onde se perca, onde se conflite, onde rompa, onde se anule, faz a mulher se perder; porém, em Maria, obtém sua elevação e sua dignidade.

**II) Em segundo lugar, a mulher é naturalmente receptiva.** Não somente por seu corpo, por seu caráter receptivo, continente, passivo, mas especialmente por sua alma, ou deveria ser assim. É aquela onde se supõem que acomoda as alegrias e tristezas; é aquela que procura conservar tudo no lugar para que não se perca, aquela que supostamente cuida para que nada se desperdice, para que nada vá fora. Não é por acaso que hoje estamos batizando Lorenzo – em uma pia batismal com forma feminina – porque é um novo nascimento; já nasceu do ventre de sua mãe, hoje nasce do ventre de sua Santa Mãe Igreja.

---

<sup>7</sup> Gen 2, 21

A mulher, então, tem essa capacidade de ser receptiva, de ser continente, de ser terra, por isso os símbolos maternos são todos receptivos; é como a terra que recebe a água para que faça crescer as plantas, é como a lua que não produz a luz, mas a recebe do sol. Que linda lua cheia que temos essa noite, é uma formosa lua! Porém, ela não produz a luz, a recebe. Esses aspectos da natureza receptiva, continente, são os que fazem com que a mulher se dignifique, não tanto pelo que produz, mas pelo que recebe, os quais, junto com estes aspectos dela estão a fecundidade e são os filhos.

Os símbolos femininos são símbolos receptivos, absorventes, que contém; são os símbolos graças aos quais a mulher engravida no corpo e na alma porque se não os recebesse, se não fosse receptiva, se não fosse capaz de superar aversões, rejeições, vergonhas e discriminações, não receberia aquilo que, logo, vai lhe fazer frutificar. Se a mulher cananéia não fosse capaz de superar essas críticas que Jesus lhe faz, se de cara tivesse desistido, sua filha não teria sido curada; se de cara essa mulher tivesse se enfadado com Cristo porque lhe tratou mal ou porque a desprezou ou porque lhe pôs limite, não só não saberíamos nem quem era ela como nem sequer haveria podido curar sua filha.

E isso é o que encontramos em Maria quando diz: *“faça em mim segundo a tua palavra<sup>8</sup>”*, que se faça em mim conforme a Tua vontade, o que Tu, Senhor, disponhas, isso é o que eu deixo entrar em mim. Até tal ponto que no Evangelho de São Lucas, em cada acontecimento da vida de Maria diz que: *“Maria guardava todas as coisas em seu coração<sup>9</sup>”*. Conservava, meditava, classificava e ordenava, e é isso o que em seguida, através de São Lucas, sabemos da vida oculta de Cristo, porque Maria conservava com amor tudo isso em seu coração. Por isto também temos dito em tantas oportunidades, que Maria é Mãe da interioridade, dos sentimentos, do afetivo e do psicológico, que vai por dentro.

**III)** Ao mesmo tempo em que a mulher é em relação, ao mesmo tempo que a mulher é receptiva e continente, não nos esqueçamos que **a mulher é também a que dá a luz**. Parece uma bobagem ou uma obviedade o que estou dizendo, porém, na vida cotidiana, a mulher se acostumou a ter a seu filho, a seu marido, a ter sua relação, a receber tudo isso e, as vezes até se apropria, até fica, as vezes, considerando estes como sua propriedade, então lhe custa desprender-se. Portanto, ao mesmo tempo que é, ou deveria ser, naturalmente receptiva e dizer que sim, tem que ter também a capacidade de desprender-se, de desligar-se, de liberar, de soltar, de impulsionar, de dizer a seus filhos: “Vai voar e criar asas, não fiques aqui comigo como os pintinhos embaixo da galinha, porque o benefício que podes receber ou o bem estar que podes receber aqui vai te anular”.

A mulher é a que tem que transmitir oxigênio em suas relações, ar, ímpeto, motivação: “voa, segue adiante, não fiques comigo”, mesmo que isso seja um novo corte do cordão umbilical. Graças a isso nós seres humanos crescemos, pois se não, nos escondemos em baixo da saia da mãe, entre as saias dos irmãos, do lugar, da família ou do povo, fazendo canções à mãe pátria ou à mãe terra ou até ao rancho que opera como símbolo feminino, e seguimos sem progresso. Porém, graças às mulheres que impulsionaram seus filhos a seguir adiante e não se apropriaram deles é que a humanidade progrediu.

---

<sup>8</sup> Lc 1, 38

<sup>9</sup> Lc 2, 19. 51

Portanto, esse caráter fundamental de dar a luz, de dar, ponto, de soltar, de ser generoso – assim como receptivo, também generoso -, isso é o que vemos em Maria quando São Lucas claramente – o que disse o Evangelista é óbvio, sim, porém, o que ele disse é Palavra de Deus, é significativo – disse: “*Completados os dias do parto, deu a luz a seu Filho primogênito, o envolveu com faixas e o recostou no presépio*<sup>10</sup>”. Ou seja, o fato de Maria dar a luz em Belém significa isso: “*faça-se em mim segundo tua palavra*<sup>11</sup>”, “tudo vem de Deus, e também é meu”, porque levou em seu ventre, mas, logo o dá, dá a luz, ilumina a humanidade, não se apropria, não fica, não arruína a humanidade, não trava o desenvolvimento, ao contrário. E isso engrandece a mulher.

E Maria não somente deu a luz a seu Filho em Belém, mas, na Cruz volta a dar a luz, volta a liberar, “*junto à Cruz de Jesus estava Maria*<sup>12</sup>”, entregando-O, liberando-O, desprendendo-se, desligando-se dEle para que “cumpra seu destino”, claro que também chorando amargamente como Mãe das Dores; até Cristo chorou com a morte de Lázaro<sup>13</sup>. Porém, é a mulher que o acolhe, o fecunda, o cria, o educa e, logo também o lança, o envia e dessa maneira então, o engrandece; e não somente engrandece a Ele mas engrandece a si mesma.

A mulher que vai se apropriando, que fica possessiva ou controladora de seus filhos vai, lamentavelmente, arruinando-lhes. E isso não dizemos somente baseados no Evangelho, onde Maria dá a luz, mas qualquer psicólogo recém formado diz isso; a importância de acolher, sim, porém, a importância também de soltar e dar a luz.

**IV)** Além de ser relacional, de ser receptiva, de dar a luz, a mulher também tem uma **capacidade de acompanhamento**, de estar pendente, não na frente da humanidade, mas atrás; digo-lhes como homem, lógico. É essa segurança de saber que a pessoa vai tomando suas decisões, mas que, logo atrás, como quem olha para os lados, sabe que tem a ela, sabe que está ali, que lhe acompanha, que guia, educa, que respalda. Essa é a continuidade, a perseverança, a constância, a tenacidade que aqui vemos na cananéia. Não foi embora dizendo: “Ah, tu te vais? Perfeito! Então se esqueça de mim”. Não, “tu vais? Eu vou atrás de ti!”, como quem diz, nas entrelinhas. Muitas vezes não aparece a mulher na fotografia, aparece o filho ou aparece o marido; porém, se observas um pouco melhor é a mulher que está por trás de tudo e ali não somente ali alcança dignidade somente o filho - digo também como filho - mas alcança dignidade também a mãe porque graças a isso é que o resto da humanidade, e também nós, os homens, seguimos adiante.

A mulher é aquela que forma família, que agrupa, que não se zanga muito com as ofensas, mas que, ao contrário, busca ser a apaziguadora dos conflitos, das diferenças, a que reúne. Como dona Elena, aquela senhora que nos visitou em Tijuana faz alguns anos. Quando completou setenta anos, seus filhos – entre os quais havia algumas dificuldades – lhe perguntaram: “Que queres que te demos de presente para os setenta? Pede o que queres mamãe, que vamos te dar”. “Muito bem – disse – quero que estejam todos juntos, porém, não somente na foto”. Todos sabiam ao que estava se referindo a mamãe quando lhes disse: quero que nos meus setenta anos meus filhos estejam todos juntos, juntos de coração. “Ou resolvam os problemas ou não me peçam que lhes diga o que me dar

---

<sup>10</sup> Lc 2, 6-7

<sup>11</sup> Lc 1, 38

<sup>12</sup> Jo 19, 25

<sup>13</sup> cf Jo 11, 33-38

de presente”. E assim o fizemos – eu estive presente. E depois, para os oitenta – estou contando sua idade, perdão dona Elena, que me escuta pela internet, pois, estou dizendo a idade dela – se recordam que veio nos visitar e foi realmente uma alegria esse momento.

Portanto, a mulher é quem depois que forma, educa, acompanha, persevera, é constante, é fiel, é a que trata sempre de resolver os conflitos. É mais provável que o homem seja quem dá o grito de cisão ou de ruptura, enquanto que a mulher busca até o último momento reunir. Esse é um caráter familiar, é um caráter receptivo, um caráter de acompanhamento. Para resumir a conversa, porque vocês sabem melhor que eu do que estou falando, diz claramente o livro dos Atos dos Apóstolos que a primeira Igreja primitiva, depois que Cristo morreu, ressuscitou e ascendeu ao céu, se reunia diariamente para compartilhar a Eucaristia na presença de Maria Santíssima<sup>14</sup>. Ela é a que forma a Igreja, por isso é Mater Ecclesia; por isso Maria é a Mãe de todos nós, da família dos filhos de Deus, porque tem essa característica própria da mulher, repito, pela qual é glorificada por Deus e também por todas as suas relações. Quando a mulher cumpre esse destino, essa vocação, não somente Deus a glorifica, nós também a glorificamos; e aí, longe de cisões, de recriminações ou de rixas, ao contrário, constitui nosso orgulho. Tudo isso elevado a categoria divina dada por Deus, que em Maria Santíssima se transforma naquela que nos reúne, os filhos de Deus, os filhos de Cristo, na Igreja.

V) E finalmente, nos baseando hoje na cananéia, bem podemos aplicar a Maria o que Jesus disse a essa mulher: **“Mulher, que grande é a tua fé!”**. A mulher tem também a característica de acreditar, esperar, confiar, ter esperança; porque fica ou está grávida e esta esperando que o menino cresça, e quando nasce está esperando que caminhe, que fale, que vá à escola, que se eduque. Esse caráter da expectativa, de paciência, de não atropelar os processos, nisso se pode considerar a convicção do que vem, do que se vai produzir, ainda que agora não vejamos, como uma semente que se planta e que precisa regar, cuidar. Isso é a esperança, isso é a fé, que nos mostra o que não se vê<sup>15</sup>, mas que Deus nos tem revelado.

E quem melhor que Maria para exaltar essa característica fundamental da mulher? De crer, confiar, esperar, de não ficar só com o que se vê, mas, especialmente com o que se espera; Maria Santíssima é de quem sua prima Isabel falou claramente *“Feliz és tu, Maria, porque acreditaste”*<sup>16</sup>. E, repito, poderíamos aplicar a Maria as palavras de Jesus hoje à cananéia: *“Mulher, que grande é tua fé!”*.

Muitos desses conceitos são baseados na vida cotidiana mesmo, mas também para quem queira ampliar ou aprofundar, há uns livrinhos muito bonitos. Um deles é o de Paul Evdokimov, um teólogo russo, que se chama “A mulher e a salvação do mundo”, dali se pode tirar algum elemento que pode servir; outro é o de Leonardo Boff, “O rosto materno de Deus”.

Enfim, tudo isso são algumas características que poderão nos ajudar, mas, definitivamente, o amor, a piedade filial e a fé é o que nos abre ao conhecimento não somente da psicologia feminina, mas, especialmente, de Maria Santíssima, Mãe de Deus e nossa Mãe. A Ela, exaltada como Assunta ao céu dia 15 de agosto, peço hoje, em sua véspera, por todos nós. Peço-lhe que interceda por nós

---

<sup>14</sup> At. Apo 1, 14

<sup>15</sup> cf. Heb 11,1

<sup>16</sup> Lc 1, 45

ao final do peregrinar por essa vida, e que Ela reproduza em cada um de nós a imagem de Jesus segundo sua vontade, que é a vontade de seu Filho, ou seja, a vontade de Deus. Dizemos a Maria o que Ela disse a Deus: “Faça-se em mim como tu fizeste”. Que Maria Santíssima, mulher, esposa e mãe, interceda por todos nós, para que ao fim dos tempos nos encontremos todos juntos definitivamente no Reino dos Céus, no Paraíso Celestial, que não é um lugar, mas uma Pessoa, Jesus Cristo, filho de Maria e Nosso Salvador.

Que assim seja.

